

pitam para a frente, para o alto, como se impulsio-
nados por um sopro onipotente e misterioso.

10

Para que este sopro não nos abandone, trate-
mos de revesti-lo com palavras, alegorias, pensa-
mentos e encantações.

11

Mas ele não se deixaria aprisionar pelas vinte
e quatro letras que conseguimos arregimentar; e
percebemos logo que essas palavras, esses símbolos,
esses sentimentos e esses encantos só podem consti-
tuir uma nova máscara diante do abismo.

12

Somente limitando o ilimitado é que podemos
trabalhar no interior das fronteiras do círculo hu-
mano que acaba de ser traçado.

13

Que significa trabalhar? Povoar esse círculo de
desejos, de angústias, de ações, forçá-lo até as suas
fronteiras mas recuadas, não poder ser mais contido
por elas e rompê-las, reduzindo-as a nada. Estirando
assim os fenômenos, enalteçemos e ampliamos a
essência.

14

Daí o valor inestimável de nosso retorno aos
fenômenos, após o contato com a essência.

82

15

Arrebatados pela espiral das forças turbilho-
nantes, vislumbramos o círculo supremo dessas for-
ças, e o designamos por Deus. Mas poderíamos ter-
lhe dado qualquer outro nome: Abismo, Mistério,
Força, Trevas Absolutas, Luz Absoluta, Matéria,
Espírito, Última Esperança, Último Desespero, Si-
lêncio.

16

Mas o chamamos de Deus, porque só este nome
nos perturba nas profundezas de nosso ser desper-
tando temores e desejos originais. Esta perturbação
torna-se essencial se quisermos, para além da lógi-
ca, tocar, corpo a corpo, a essência do terrível.

17

No círculo gigantesco da ação divina devemos
distinguir o pequenininho arco vibrátil de nossa
época.

18

Nessa imperceptível curva de fogo, sentindo
profundamente o impulso de todo o círculo, podemos
avançar em harmonia com o universo, adquirindo o
nosso próprio impulso, e combatendo.

19

Assim, nossa ação efêmera, avançando no ritmo
universal, não morrerá conosco.

83